

ESCOLA E MEIO RURAL: RESSIGNIFICANDO ESPAÇOS NOS PROJETOS DE VIDA DE JOVENS ESTUDANTES RURAIS

**Autoras: Maria do Socorro Alexandre da Silva¹; Isaurora Cláudia Martins de
Freitas²**

¹ Estudante do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) – CCH/ UVA;
socorro_alexandre@hotmail.com.

² Professora Associada do Curso de Ciências Sociais – CCH/UVA; isaurora68@gmail.com

Resumo: As emergentes discussões acerca das juventudes rurais e suas especificidades vêm representando uma maior visibilidade desta categoria no campo acadêmico. Dentro das experiências que marcam a heterogeneidade juvenil está a construção dos seus projetos de vida, que é vivenciada de forma mais acentuada no contexto escolar. A pesquisa tem como objetivo analisar que papéis os jovens rurais atribuem ao espaço escolar e ao meio rural na formulação de seus projetos de vida. A abordagem é pautada em uma perspectiva qualitativa, com os recursos metodológicos das trajetórias de vida e entrevistas semi-estruturadas. A partir da análise relacional da escola e do meio rural está sendo possível identificar significativos traços pessoais e sociais que circunscrevem as juventudes rurais, tornando perceptível a formação de novas configurações e relações com o rural. Além de reforçar que (re)conhecer os dilemas e representações dessas juventudes na contemporaneidade é também fortalecer o conhecimento do ensino de Sociologia.

Palavras-Chave: Juventudes rurais, Escola, Projetos de vida, Trajetórias juvenis.

INTRODUÇÃO

O presente texto refere-se à pesquisa exploratória realizada para um estudo que tem por objetivo compreender sociologicamente as representações das juventudes rurais na construção dos seus projetos de vida, frente às interfaces com a escola e com o meio rural.

Urge para esta pesquisa, considerar a escola sob um olhar mais denso, tomando-a como espaço sociocultural, de dinamismo e do fazer cotidiano juvenil (DAYRELL, 1996). Afinal, os jovens estudantes formulam as mais variadas expressões nesse palco, transpassando a significação da escola como um espaço privilegiado apenas para o ensino. A escola torna-se também, para muitos, local significativo para a construção dos projetos de vida. Nessa perspectiva, a escola se relaciona com essas construções? Qual a sua

função social na formulação desses projetos? Como os jovens enxergam a escola frente às suas aspirações? Estes são questionamentos que perpassam essa abordagem.

Tomando por empréstimo o entendimento de Velho (2004, 27) que “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo, formula-se dentro de um campo de possibilidades”, depreendemos que essa construção não é produto do isolamento, ao contrário, representa o constante diálogo das juventudes com a dinâmica social em que estão inseridas. Pensando nisso, as juventudes rurais expressam muitas especificidades da configuração social que partilham, conforme já evidenciavam Wanderley (2007) e Carneiro (2008).

A pesquisa tem como campo empírico a Escola Estadual Antônio Custódio de Mesquita, situada no perímetro urbano do distrito de Iratinga, à 10 km do município de Itapajé e que atende em sua maioria um público juvenil advindo de várias localidades rurais pertencentes ao distrito. Dentre esses estudantes foram escolhidos cinco jovens como interlocutores para a reconstituição de suas trajetórias e lançar olhares sobre o seu contexto social e geográfico, bem como perceber possíveis diferenciações e/ou similaridades que permitem compreender como se dá as representações das juventudes que residem no meio rural, as formas como constroem esse espaço e quais influências ele mantem nas trajetórias de seus sujeitos e em seus projetos de vida.

Nessa relação surgem dilemas: ficar ou sair? Como problematizar os projetos de vida no meio rural? Rural com possibilidades ou com limitações? O rural é apenas uma dicotomia do urbano? Questões que circunscrevem as juventudes rurais e que norteiam esta pesquisa.

Concomitante a isso, considera-se como primordial também correlacionar os traços das discussões aqui proliferadas com o ensino de Sociologia, que perpassa tanto por temáticas próprias do currículo no Ensino Médio, quanto como por temas transversais que nos permitam melhor compreender os jovens, seus principais atores, como um fator fundante para agregar ao ensino, e conseqüentemente, contribuir para uma maior qualidade deste.

MATERIAL E MÉTODOS ou METODOLOGIA

Experienciar o campo de pesquisa, no transcurso desta pesquisa se mostra de fato, um exercício desafiador. Certamente o campo (escola e meio rural nesta abordagem) passa a ser o eixo norteador do processo de investigação sociológica ao passo que vai circunscrevendo a construção do objeto de pesquisa, as representações de seus sujeitos,

os caminhos metodológicos, os referenciais teóricos, bem como envolve a própria subjetividade do pesquisador nesse processo dinâmico.

Elegeram-se, a partir dessas orientações, uma abordagem qualitativa para esse estudo, que pressupõe um estreitamento entre teoria e prática, epistemologicamente e metodologicamente. O caráter qualitativo propicia à pesquisa, analisar como os jovens estudantes residentes no meio rural compreendem a sua realidade social e escolar frente à construção dos seus projetos de vida. Temos assim, uma interpretação das interpretações desses jovens a partir das suas trajetórias e dos espaços dos quais pertencem, com a ressalva de que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o aspecto de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL p.70, 2002).

O recurso metodológico das trajetórias de vida adquire relevante contribuição para pensar as problemáticas do contexto pesquisado. A reconstrução das trajetórias dos jovens interlocutores desta pesquisa viabiliza o (re) conhecimento das suas subjetividades e representações acerca do meio rural e da escola na construção de seus projetos a partir das suas próprias práticas, vivências e relações familiares, afetivas, escolares e sociais estabelecidas nos seus percursos juvenis. O que nos permitirá também evidenciar até que ponto suas trajetórias são construídas a partir das possíveis possibilidades e limitações, continuidades e rupturas desses dois espaços.

Desse modo, recorro também à técnica de entrevista semi-estruturada, que “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Esta técnica inicial me possibilitou o levantamento de dados iniciais nesta fase exploratória, em uma primeira aproximação com os gestores da escola e com o professor diretor de turma, que subsidiou informações gerais dos alunos, o que auxiliou na escolha dos interlocutores. Esta técnica possibilita estabelecer previamente um roteiro para nortear as conversas com os interlocutores, a fim de contribuir para a reconstituição das suas trajetórias, a partir dos enfoques com os espaços da escola e do meio rural aqui proposto, bem como novos fatores que necessitem de aprofundamento nas falas durante o processo de entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO OU PROBLEMATIZAÇÃO

Mesmo em uma fase inicial, pela pesquisa exploratória em paralelo com a leitura do suporte teórico dessas discussões é possível compreender que a categoria juventudes rurais vem sendo berço de emergentes discussões e por vezes marcadas por paradoxos.

Se por um lado evidencia-se a visão de “carência de publicações e de espaços acadêmicos que abriguem essa temática” (CARNEIRO & CASTRO, 1997, p. 13), por outro, há a um otimismo na interpretação desta categoria configurando um “momento favorável, não só emergente, mas em fase de consolidação” (SPOSITO, 2007, p. 123).

A própria justificava para a escolha deste objeto de pesquisa apoia-se nessa dualidade. Se por um lado, a experiência de residir e partilhar das particularidades e dilemas do meio rural frente aos meus projetos de vida, me trouxeram inquietações, possibilidades e limitações, por outro, tomo essa abordagem como possibilidade de contribuir para um maior (re)conhecimento das juventudes rurais frente às suas invisibilidades, por vezes se encontra entre os próprios jovens.

A partir da pesquisa exploratória realizada, deu-se a escolha por três localidades rurais atendidas pela Escola Antônio Custódio de Mesquita: São Miguel de Baixo, Bombas e Aguaí, a fim de caracterizar o meio rural em que os jovens residem e melhor compreender os seus sujeitos. Foi possível também traçar, a princípio, de forma geral, um breve perfil das três meninas e dos dois meninos, interlocutores da pesquisa: faixa etária entre 17 e 20 anos, cursantes do 2º ano do ensino médio, residentes na zona rural e todos filhos de agricultores. No transcurso da pesquisa, aprofundaremos as especificidades de cada um a partir das suas trajetórias e das diferentes variáveis que compõem a construção dos seus projetos de vida, bem como seus espaços culturais e físicos que permeiam essas escolhas.

Quando nos confrontamos com as leituras acerca das juventudes rurais é recorrente o dilema entre sair ou permanecer no meio rural, principalmente sob a perspectiva dos projetos de vida. Por isso, consideramos que tanto as vertentes teóricas que direcionam a migração como condição para a concretização das aspirações juvenis, quanto o novo movimento que aos poucos se firma acerca da permanência desses jovens no meio rural são edificantes para esta abordagem, uma vez que nos possibilita estabelecer um comparativo a partir dos elementos que surgirem das trajetórias juvenis dos interlocutores.

Além disso, presenciamos atualmente uma “crescente mobilidade dos indivíduos, sobretudo dos jovens entre o campo e a cidade” (WANDERLEY, 2007, p. 53), conforme podemos vislumbrar com os interlocutores da pesquisa que ao deslocarem-se até o perímetro urbano do distrito para chegar à escola já temos a presença dessa mobilidade diariamente. Fica nítido, que não se pode conceber o rural e o urbano a partir de

dicotomias. Por isso pensamos esses espaços como complementares no que se refere à construção dos projetos de vida dos jovens do meio rural.

Sob as perspectivas teóricas de Velho (2003, p.48), recorreremos à ideia de metamorfose, uma vez que “os projetos, como as pessoas, mudam” e “as pessoas mudam através de seus projetos”, aspecto que nos permite compreendermos as experimentações, descobertas e fluidez dos percursos juvenis e das trajetórias que serão futuramente analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Com suporte nas discussões levantadas, percebe-se que a categoria das juventudes rurais demanda olhares sensíveis capazes de compreender os princípios que norteiam sua diversidade e do seu contexto social. De modo que esta pesquisa assume também um importante papel de dar visibilidade a essa categoria tão dinâmica e em ascensão no campo acadêmico.

Temos claro nesse curso temporal de transição para a vida adulta, que os projetos de vida representam um marco na condição juvenil e conseqüentemente, em suas trajetórias, onde a escola é palco dessa diversidade juvenil, que direta ou indiretamente traz reflexos nessas formulações. Faz-se necessário, nesse sentido, tomarmos essas juventudes rurais em um sentido plural, buscando conhecê-las a partir de sua realidade própria e de suas experiências. Dando-lhes voz para expressarem seus discursos e buscando mecanismos para compreender seus percursos e projetos de vida.

Assim, percebe-se que para além das dicotomias: sair ou ficar? Rural ou urbano? Possibilidades ou limitações? Encontramos especificidades e ressignificados que se entrelaçam nas teias das representações juvenis e na dinamicidade das suas relações estabelecidas.

Com efeito, compreender a heterogeneidade que circunscreve essas juventudes, que é o principal público da Sociologia no Ensino Médio, representa também um ganho expressivo para a disciplina, uma vez que rompemos com a condição do jovem atrelada somente à postura de aluno e passamos a concebê-lo como sujeito social em sua diversidade e subjetividade, bem como nos contrastes que permeiam seu contexto social e escolar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre, pelo dom da vida, à coordenação do PROFSOCIO/UVA, bem como ao seu corpo docente, de modo especial à minha orientadora, Isaurora Martins.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Repensar o Ensino Médio: Por quê? In: DAYRELL, J.; CARRANO, P. C.; MAIA, C. L. **Juventude e o Ensino Médio**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2014. p. 54-73.

CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARRANO, Paulo. DAYRELL, Juarez (orgs) Brasil. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II : **O Jovem como sujeito do Ensino Médio** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **O jovem como sujeito social-cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.24, p.40-53, set. – out./nov.-dez. 2003.

_____. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexão em torno da socialização juvenil. MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WANDERLEY, Maria Nazareth. **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. Projeto de pesquisa (mimeo), 2003.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens**: o conhecimento, a indisciplina, a violência. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v.22, n.2, p.345-380, jul./dez. 2004. Disponível em: <<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9649/8876>>>. Acesso em: 04/08/2018.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.